

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

22. Curso de Treinamento de Monitores (pela equipe do SEC da Universidade do Recife).

Aula de Cultura Popular e Erudita

Professor Jomard Muniz

(Início incompreensível)

Esta dimensão tenho impressão que a professora Aurenice não deve ter abordado. É um problema dos mais sérios, dos mais debatidos atualmente no Brasil e é um problema que não foi de modo algum esgotado e em torno do qual o que seja cultura popular e cultura erudita, há uma série de equívocos que nós poderemos aproveitar aqui, os debates posteriores a minha exposição, para que a gente possa dialogar melhor.

Portanto vocês assistam à minha exposição com este empenho de que eu estou mais empenhado ainda de debater, com vocês, no final da exposição.

Quando nós ouvimos estas duas expressões, cultura popular e cultura erudita, em geral os conferencistas, articulistas, ensaístas começam a fazer logo a oposição, a reparação entre a cultura popular e a erudita.

Mas me parece que o mais certo seria tentar definir o que seja cultura.

Como ponto de partida, como início, ver o que significa cultura para o homem, para a sociedade na qual o homem habita. O que significa cultura, do ponto de vista do relacionamento humano. O que significa cultura, como expressão do homem.

Eu diria que temos que definir cultura a partir deste momento criador. E a cultura vai explicar como origem, como fonte originária a partir deste impulso criador do homem. Deste impulso, desta força ou deste ímpeto criador do homem. Que todo o ser humano, independente de classe social, independente de ser culto ou não ser culto, de ser analfabeto ou semi-alfabetizado ou ser alfabetizado ou de frequentar bibliotecas, independente de qualquer coisa, o homem tem este impulso criador, ou este ímpeto criador.

Mas não bastaria este ímpeto criador, esta necessidade de fazer algo, de se exprimir, de se comunicar, para que a gente tenha cultura.

Eu diria mesmo que a cultura significa o seguinte:

O ímpeto criador mais a expressão. O que eu quero dizer com "a expressão" é justamente mostrar que nós só temos cultura quando temos um objeto feito. Alguma coisa que criado, que o homem criou. Quer dizer, foi uma necessidade do ímpeto criador do homem, mas que ele conseguiu objetivar. Nós temos cultura a partir desta síntese do ímpeto criador mais expressão que vai significar o objeto cultural.

A cultura então nós diríamos que é fruto desta síntese, de uma impressão humana. De alguma coisa que vem de dentro do homem, como de um impulso, como uma necessidade interna. Mas é preciso que esta necessidade interna encontre uma plasmação concreta. É preciso que esta necessidade interna subjetiva do homem, se objective. É preciso que ela se expresse exteriormente.

Nós diríamos que a cultura é uma síntese de impressão (a palavra impressão agora significando este ímpeto criador) mais a expressão. Quer dizer a cultura vai satisfazer, a um anseio, a um desejo interno do homem de se comunicar. Mas não é somente este plano subjetivo

da impressão é preciso que nós tenhamos uma expressão disto. Uma expressão desse anseio que o homem tem desse desejo interior de se comunicar. Então a síntese da impressão com a expressão é o objeto cultural. O que nós vimos. Seja uma panela de barro que significara o produto de uma cultura primitiva, um relógio ou a eletricidade. Tudo isto é uma síntese de impressão mais expressão.

Então, a partir deste conceito que não deixa de ser um conceito de fundamentação filosófica, do que seja a cultura, e que nós podemos partir para uma diferenciação entre cultura popular e cultura erudita.

Eu gosto de apresentar a cultura popular, que é folclore e mais do que folclore. Outros objetos realizados pelo homem, esta cultura popular exprimindo uma impressão de subsistência do homem, quer dizer a necessidade que o homem tem de luta pela sua sobrevivência, ele vai procurar atender as necessidades primárias de sua vida. A cultura popular é esta cultura que vai exprimir isto, a necessidade de sobrevivência do homem.

Por isto eu dizia mesmo que a cultura popular é uma cultura de subsistência. Não pode ser de modo algum a cultura popular uma cultura ociosa, uma cultura de diletantismo, uma cultura de horas vagas, uma cultura assim, superflua, como luxo. A cultura popular traduz sempre esta impressão, se exprimindo em forma de uma subsistência, de uma necessidade que o homem tem de subsistir. De luta pela conservação da vida. E esta cultura popular independente de intelectualismos, quer dizer, que o homem do povo faz independente de ter frequentado escolas, independente de ter lido livros, é uma cultura que realmente nos diríamos que vai da espontaneidade humana, que revela esta espontaneidade humana. É que a inteligência que o povo tem, uma inteligência que não é abstrata, mas uma inteligência concreta, vivida, emotiva, tudo isto nós diríamos, é cultura de subsistência.

A música popular, ou artesanatos ou lendas populares, tudo isto produz produtos da espontaneidade humana, e da inteligência que eu gosto de chamar inteligência concreta e emotiva.

Esta seria uma caracterização da cultura popular ou cultura de subsistência, como eu venho chamando.

O que seria, então, agora perguntamos, esta cultura chamada erudita ou cultura de elites?

É a cultura que nós todos fazemos. A palavra erudita já é uma palavra que é usada hoje em dia em um sentido pejorativo

A palavra cultura erudita vai se restringir muito a sinônimo de cultura livresca, ou cultura intelectualizada.

Quando se usa também cultura de elite se lança uma pecha nesta palavra elite.

Isto é um momento histórico que nós estamos vivendo. É interessante que hajam estas reações.

Mas eu proporia, na interpretação que eu vou dar agora de cultura erudita, substituir esta expressão que já é expressão esvaziada, que já é expressão muito desgastada, uma expressão mesmo impopular, por que hoje em dia se usa cultura erudita como sinônimo de cultura anti-popular. A cultura erudita significa anti-povo, sugação da cultura popular. Eu não aceito esta formulação de modo algum. Se existe uma cultura erudita que é anti-popular esta cultura erudita é uma cultura falsa de essência.

Por isto eu tenho me acostumado a me referir a esta cultura erudita substituindo a expressão por cultura reflexiva.

A cultura reflexiva, isto é cultura que vai exigir do homem algo mais do que a sua espontaneidade. A cultura reflexiva significa - que é o mesmo homem que tem a necessidade de impressão e expressão, que se impressione e procure se exteriorizar. Mas agora, a partir desta ex

pontaneidade, dêste ímpeto, êle vai ter consciência da sua expontaneidade. E' por isso que é uma cultura reflexiva. Com convivência da sua expontaneidade. A inteligência não será apenas uma inteligência concreta e emotiva. Será uma inteligência concreta e emotiva, mas também uma inteligência abstrata. Então nós poderíamos colocar em paralelo.

Ela seria cultura reflexiva enquanto significa consciência da expontaneidade. E ela prolonga ou intensifica esta inteligência concreta e emotiva através de uma inteligência que nós diríamos abstrata. Inteligência abstrata não no sentido pejorativo mas como inteligência propriamente racional.

Nós teríamos algumas questões circunstanciais ainda a abordar, quer dizer, alguns equívocos a afastar.

Uma pessoa, evidentemente de má fé, poderia dizer, o senhor chama de cultura reflexiva e a outra de subsistência, diz que a reflexiva é a que tem consciência da expontaneidade, então o povo não tem consciência, o povo não tem razão?

Nós diríamos que o povo tem inteligência, como anotei aqui, mas essa cultura de subsistência, cultura popular, nos chamaríamos de pre-reflexiva. E' uma preparação para uma abstração maior. Não seria já uma cultura com consciência de que é cultura. A cultura popular, cultura de subsistência é o fazer. E' a necessidade de produzir algo seja uma panela, seja o artesanato, seja uma pintura, uma música popular. Quer dizer, é o fazer ao passo que na cultura reflexiva nós teríamos não somente o fazer mas a consciência das técnicas que nós utilizamos.

Na cultura popular ou de subsistência existem também, mas estas técnicas são usadas expontaneamente. Estas técnicas são fruto da inteligência concreta do homem. Ao passo que aqui, na cultura reflexiva, nós temos a admissão de várias técnicas. Então o pintor, o escultor ou o romancista, êle sabe, a partir de uma ideia que êle tem, de uma intuição criadora, que êle pode utilizar várias técnicas para escrever o seu romance, ou várias técnicas para pintar o seu quadro, para fazer a sua escultura. Então êle vai agora escolher. Ele vai ter o sentido, na cultura reflexiva, quais são as técnicas, quais são os meios - que estarão mais adequados aos fins que êle está visando. E isto já significa aquilo que eu chamava ali de inteligência abstrata, racional. Quer dizer, uma elaboração muito maior. Eu diria esta cultura de subsistência ou cultura popular é uma cultura oriunda da experiência direta do homem. Da experiência adulta, dos acontecimentos vitais, das circunstâncias humanas em toda a sua complexidade. E' uma cultura fruto da experiência, esta cultura popular ou cultura de subsistência. Ao passo que eu diria que a cultura reflexiva ela vai também ter uma base na experiência mas, utilizando a expressão de um filósofo norte-americano, Dewey, que é muito melhor pedagogo do que filósofo, eu diria que a cultura reflexiva vai significar uma reconstrução da experiência.

A cultura de subsistência surge diretamente do povo. Apesar disso que a cultura erudita ou reflexiva, o homem culto, o homem que realiza esta cultura reflexiva, êle vai selecionar dentro da experiência, êle vai fazer uma reflexão e vai procurar reconstruir a experiência. Ele vai analisar aspectos positivos e negativos desta experiência.

Aparte incompreensível.

- Exatamente. Nós vemos êstes dois planos que, uma sociedade de como a nossa que é realmente uma sociedade dividida, então nós encontramos um contraste muito maior, acentuado nos países subdesenvolvidos, entre cultura popular e cultura erudita ou reflexiva. Mas a tendência, a medida em que o país se desenvolve, de um modo global, não somente do ponto de vista econômico, mas do ponto de vista cultural, também, e por isto, nos estamos aqui reunidos, o ideal nosso é justamente acabar com esta separação entre cultura popular e cultura reflexiva. E tender para o que nós chamamos uma unificação da cultura. Esta unificação da cultura sobre a qual vocês já ouviram outra expressão que está sendo muito utilizada, chamada democratização cultural. O que é a democratiza

ção da cultura, se não estabelecer uma ponte de ligação entre a cultura popular e a cultura erudita. É isto que é democratização da cultura. Não alguma coisa que é imposta ao povo mas esta conferência, ou essa assimilação, esse processo de receptividade mútua de inter-influência entre a cultura popular e a cultura reflexiva. Isto é o que nos chamamos democratização da cultura. Democratização da cultura significa isto: acabar com este abismo tremendo que há entre a cultura reflexiva e a cultura popular. Estabelecer pontes de ligação naturais, não artificiais. Quando nos vemos assim este contraste tão flagrante entre a cultura popular e a cultura erudita, isto é um fruto mesmo de uma sociedade que, para usar a expressão de Meinhem, é uma sociedade pre-democrática. Ao passo que a medida em que a sociedade vai se democratizando, em todos os campos, no campo político que é essencial, no campo econômico e no campo cultural, a sociedade quando vai passando deste estágio pre-democrático para o estágio democrático, então ela tende a esta democratização da cultura também. A esta aproximação. Não a uma nivelção, uniformização. Eu não falo em uniformização, eu falo em unificação em inter-influências, em uma aproximação.

O que eu tinha a dizer de mais essencial já foi dito.

Podem ir pensando nas perguntas porque eu tenho a impressão que é mais útil, depois dessa apresentação do tema mesmo, debater e esclarecer perguntas.

Aparte - Qual seria o meio mais adequado para a aproximação das duas culturas?

- Muito boa a sua pergunta. Quais os meios melhores para a aproximar as duas culturas. Nós sabemos que os meios considerados informais mais de educação pelos educadores, ou também as comunicações de massa que são hoje na sociedade técnica em que nos vivemos, não sobretudo: rádio, imprensa, cinema e televisão. Estou certo que são os meios técnicos mais poderosos para aproximar estas duas culturas. Para unificá-las. Porque estas comunicações de massa todas as que me referi, imprensa, cinema, rádio, TV, têm todas as possibilidades de universalização, de aproximar as distâncias, de acabar com as distâncias. Além disto a intensidade da comunicação, a eficiência, a rapidez da comunicação.

Aparte - Professor, o Teatro também não seria?

- Seria, mas num plano mais limitado. O teatro em si mesmo, a não ser que você se refira a um teatro televisionado, mas o teatro em si é mais limitado como comunicação de massa, do que estes quatro que eu citei. Acho importantíssimo do ponto de vista de educação de adultos, o teatro. Mas é muito mais limitado do ponto de vista de romper com a distância, de vencer distâncias e do ponto de vista de ser uma comunicação mais direta e imediata como é o cinema. Mas acho o teatro importantíssimo. Não sei se você concorda.

Aparte - incompreensível.

- Evidentemente, acredito que todos já estejam convencidos disto, são os impecilhos de natureza sócio-econômica.

Aparte - Seria possível por estes meios informais esta aproximação, uma vez que estão distante os elementos.... (incompreensível)

- Eu diria o seguinte: Claro, nós constatamos isto. O que você está dizendo é realmente uma realidade comprovada. A distância que existe do ponto de vista das técnicas utilizadas, dos canais de produção.

Mas nós vemos a esperança na possibilidade de rachar esta distância que há, para usar a expressão do Professor Paulo Freire, de que haja uma rechadura nesta distância tão grande entre cultura popular, da cultura erudita, através da figura do educador.

Quando o educador, e nós vemos a ênfase que se está dando - no atual momento brasileiro ao que se chama educação da massa. Quer dizer, todo o economista, eles reconhecem isto, não se pode colocar um problema de desenvolvimento social e econômico, isto é o desenvolvimento de uma sociedade, apenas em termos econômicos. Mas eles falam agora em planos integrados de desenvolvimento social-econômico-social. Então daí a educação, portanto, como desenvolvimento social. Nos vemos na figura do educador que surge nestes programas de educação, programas de educação integrados no programa de desenvolvimento econômico-social, constituindo parte dele, nós vemos, na figura do educador o agente que pode usar com consciência estas comunicações de massa e vencer estas barreiras. Isto nas escolas, vocês já ouviram falar. As escolas, na verdade ainda numa linha muito acadêmica mas já procuram uma renovação falando em auxílios audio-visuais.

Êstes auxílios áudio-visuais nada mais são do que isto, quer dizer, uma utilização racional, consciente, num programa educativo das comunicações de massa a que nos referimos há pouco tempo. Agora é um campo absolutamente novo este, para ser pesquisado e também para ser utilizado. A contribuição em matéria de auxílios audio-visuais que a escola brasileira deu até hoje, é mínima.

Aparte - Professor, dêste ponto de vista, da democratização da cultura, o senhor acha que a cultura deve ser levada ao povo ou o povo é que deve ser levado à cultura?

- Eu acharia que você mesmo deveria estar ápto para responder a esta pergunta, depois da explicação que eu dei.

Nós não teríamos uma cultura reflexiva a ser levada, jogada ou imposta ao povo. Mas veja bem, o educador ele se situa realmente aqui, neste plano, o educador, verdadeiro educador de adultos é antes de tudo aquele que vai partir daqui, quer dizer do que existe, de uma experiência concreta de vida, do povo. Então a professora Aurenice, quando coligiu casos populares, eu não sei se ela disse para vocês aqui, de Florianópolis, e que me inspirou inclusive o tema de um artigo que eu escrevi. Sobre um homem do povo que disse: "eu tenho uma escola do mundo". Comecei um artigo colocando a seguinte questão: Se haveria alguma coisa de se propor ao homem enquanto adulto que afirma: eu tenho uma escola do mundo. Qual é a coragem do educador de querer ainda impor alguma coisa do seu intelectualismo, de sua formação aristocrática ao homem do povo que reconhece que tem a escola do mundo. Então, neste sentido aí o educador de adultos tem muito mais a aprender do que propriamente a ensinar. Ele é o homem consciente de técnicas, de processos, de recursos didáticos. Ele vai então aproveitar a partir da experiência popular, dêste contato com a realidade, com a experiência vivida e reelaborar isto em termos de técnicas mais eficientes. Ele vai ajudar o povo a saber, ele vai dar condições ao povo para ele também criticar as suas experiências e selecionar aspectos positivos e negativos de sua experiência.

Mas a figura do educador é sempre esta. O homem que dá condições e não que vai levar, doar nada e muito menos jogar ou impor.

Aparte - Se você fôsse chamado a fazer uma gradação de valores em relação a imprensa, cinema, televisão e radio, a qual deles dariá a maior importância?

- Reconheço estas técnicas tôdas como potencial. Agora, em quanto potencialidade, confesso a você que sou mais aproximado, por conhecer mais de perto, o cinema. Talvez por isto, por estar muito identificado com a linguagem cinematográfica então reconheço maiores possibilidades no cinema. Mas com isto eu não iria de modo algum, no momento estabelecer uma gradação, primeiro, porque eu acho que o problema de estabelecer uma gradação é muito intelectual. O que teríamos a mostrar é que a educação de adultos deve ser feita com a colaboração de todas estas técnicas. Como uma motivação e a partir de uma motivação e de uma formação, pode ser que num determinado círculo de cultura, numa de-

terminada turma de adultos, ele se identifique mais com um programa de rádio e outros preferam um filme. Nós não teríamos assim, aprioristicamente que estabelecer graduações. A não ser que a gente, numa questão de querer pensar, querer pensar assim um tanto intelectualmente. Pelos estudos que fiz, o cinema pode jogar com a imagem, esse elemento visual que sabemos que é um elemento que vai impregnar mais fortemente o auditério, vai atrair mais a atenção. E essa imagem não é estática, mas dinâmica. Depois é um problema não somente da imagem dinâmica mas a imagem que é dinâmica e sonorizada também. Mas tudo isso entra também na televisão.

Aí teria o educador que lançar um diálogo com o economista, para saber, dentro do contexto brasileiro dentro de nossas possibilidades, se ambos são muito bons qual seria o mais econômico. Um educador / somente não deve responder a essa pergunta. Exige uma colaboração entre o sociólogo, o educador e o economista.

Aparte - O cinema como fator de cinema popular não pode ser um fator de alienação da cultura?

- Pode ser. Não só pode ser, mas o que nós vemos na maioria das vezes é isto. Mas a gente não pode fazer um fantasma desta palavra / alienação e colocar todas as esperanças em outra palavra que é a palavra desalienação. Eu acho que o problema nosso é de que nós sabemos que vivemos até hoje num regime de alienação cultural e não somente de alienação cultural como também econômica e política, mas não é pelo simples fato de termos consciência disto que a gente vai ficar desalienado. É a partir daí, procurando reelaborar todos estes meios e aproveitá-los, inclusive com meios de choque, de deflagrar processos inautênticos por exemplo, o "happy end" da maioria dos filmes, como produto já desta cultura que Edgar Morin chama cultura industrial. O educador não deve dizer ao pessoal que não vá assistir o filme ou dizer que o filme é alienado. Mas, seria interessante colocar o filme em debate. O importante é isto. Aproveitar tudo isto que pode ser alienado e pode ser desalienante ou / desalienado completamente e colocar em debate, em discussão. Estes problemas humanos, estas situações de vida, estas técnicas todas. Não recusá-las mas catalogá-las como pro ou contra, põ-las em debate.

Natal, 11 de junho de 1963.

T/S

157.9.0